



O MENINO E O POLICIAL

Pietra Sabryne Silva Moraes, oitavo ano.

Como todas as manhãs, abri minha padaria. Comecei a atender os clientes, que chegavam para aquecerem-se do frio antes de engajarem-se no trabalho. Não era normal, neste horário, aparecerem crianças. Mas nesse dia foi diferente. Foram chegando os primeiros compradores e junto deles um menino. Pouco depois um guarda sentou-se. Como a maioria, o policial pediu um café.

N O R M A N

ROCKWELL

Eu trouxe a xícara à autoridade, que começou a beber devagar, com satisfação. O menino olhava-o silencioso, tímido, resignado. Devia estar com fome, pensei. Aproximei-me dele curioso de saber o que aquela criança fazia ali. Perguntei o que ele estava fazendo na rua tão cedo. Ele nada falou. Baixou os olhinhos assustados.

Ofereci-lhe café com leite. Sem me olhar, ele pegou a xícara. Começou a beber em silêncio, primeiro devagar, depois rápido, de uma vez. Passados alguns minutos, começou a contar porque estava ali.

De modo simples, com dificuldade, contou que seus pais não tinham tempo para ele. Só se ocupavam do trabalho. Ficava sozinho, em casa sempre que chegava da escola; ele, o garoto, não tinha que fazer em uma casa vazia de segunda a sexta. Sentia saudade de falar, de conversar, de brincar. Sentia saudade dos amigos da escola; saudade de jogar futebol. Por isso saía de casa. Queria ir a busca dos amigos, mas não os achara e agora, voltando para casa, temia apanhar do pai.

Falamos que não era certo fugir e o levamos de volta para casa. Seus pais, certamente, ficariam preocupados. Afinal, de contas, a rua era perigosa. Poderia acontecer algo a ele. Enfim, era melhor que voltasse para a sua família. Que tentasse conversar com seus pais para resolver a situação.

O guarda se ofereceu para levá-lo até sua residência e ter a certeza de que ele chegaria bem. Deixei minha companheira tomando conta da padaria. Fui com eles. Não sei bem explicar por que, mas precisava ver como seria o desfecho daquele caso.

Chegando lá encontramos os pais desesperados. O guarda explicou o que realmente tinha acontecido: que ele tinha fugido porque seus pais não lhe davam atenção. Os pais prometeram ao garoto que iriam conversar; que dariam mais atenção; que queriam brincar com ele. Depois disso, parece que tudo ficou bem.

Voltamos, eu e o guarda. Calados, lado a lado, ele com seus pensamentos e eu com os meus. Na verdade eu pensava em milhares de outros lares na mesma situação...

Ainda passamos por três ou quatro meninos em situação de rua, certamente sem a atenção dos pais...

A correria dos dias me fez esquecer do acontecido. Trabalho muito, todos os dias e embora houvesse prometido a mim mesmo fazer uma visita àquele rapazinho, a ideia fugiu-me de todo da mente.

Chegou o sábado e o movimento era sempre maior na padaria. Trabalhei muito e estava cansado. Devia ser umas quatro horas da tarde quando vi passar o menininho com seu pai. Trajavam-se como jogadores de futebol. Iam brincar, iam jogar bola. Sorri e lembrei do meu filho, adulto, distante, vivendo em outra cidade. Ah, se eu pudesse voltar no tempo... Iria jogar futebol e tomar sorvete.

Coisas da vida, coisas que o tempo leva...



Pintor e ilustrador estadunidense, muito popular, especialmente em razão das 323 capas da revista The Saturday Evening Post que realizou durante mais de quatro décadas, e das ilustrações de cenas da vida estadunidense nas pequenas cidades.

Pintou os retratos de alguns presidentes, assim como os de outras figuras mundiais, tais como Gamal Abdel Nasser e Jawaharlal Nehru. Um de seus últimos trabalhos foi o retrato da cantora Judy Garland, em 1969.

Suas obras são famosas pela meticulosidade e exatidão de traços e cores, capacidade desenvolvida devido a sua timidez. Tinha os pés tortos e, quieto no seu canto, passou a observar e desenhar os colegas de escola. Dizia Rockwell que "cada um tem seu talento e o meu é desenhar". Quando morreu, em novembro de 1978, aos 84 anos, milhares de pessoas compareceram ao seu sepultamento. Muitas delas haviam tido seus rostos imortalizados pela maestria de Norman Rockwell.

Norman Rockwell



Consulta feita por José Arthur Lima e Silva, oitavo ano.



*The Problem We All Live With, 1964. 91cm x 150cm.
Óleo sobre tela.*

Ruby Nell Bridges Hall é uma ativista estadunidense conhecida por ser a primeira criança negra a estudar em uma escola primária para brancos, em Louisiana, durante o século XX. Ela frequentou a Escola Elementar William Frantz.

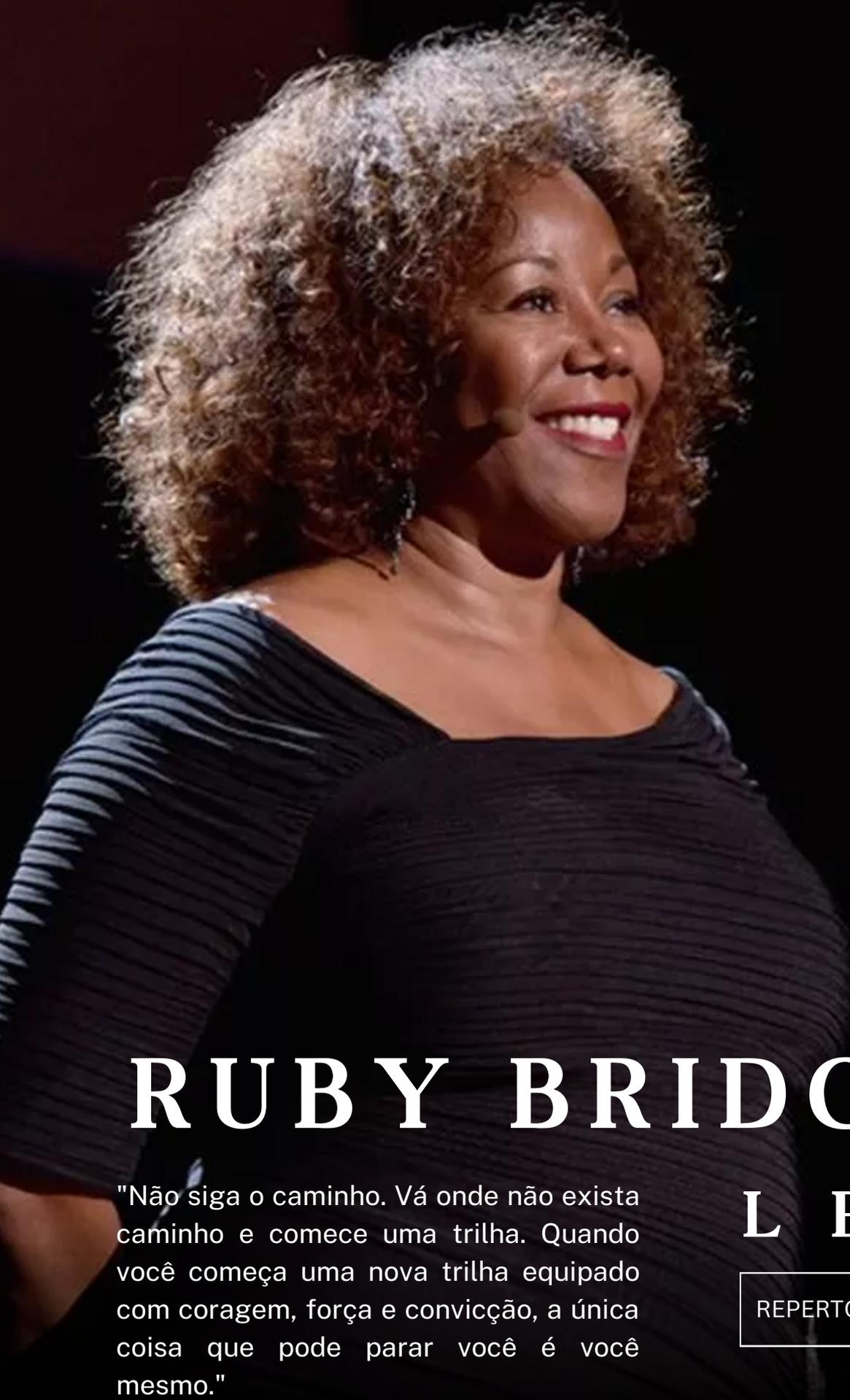
O trabalho de Rockwell tornou-se mais político com a idade. Em 1964, ele pintou "O Problema com o Qual Todos Vivemos", da estudante negra Ruby Bridges sendo escoltada por fiscais dos Estados Unidos por conta de abuso racial. Quando presidente, Barack Obama mandou instalar a pintura na Casa Branca.

Fonte:
<https://artsandculture.google.com/story/qwVR42MbHtf0mg>



LEERS

LEITURA | ESCRITA | RESPONSABILIDADE SOCIAL



RUBY BRIDGES

"Não siga o caminho. Vá onde não exista caminho e comece uma trilha. Quando você começa uma nova trilha equipado com coragem, força e convicção, a única coisa que pode parar você é você mesmo."

LEERS

REPERTÓRIO CULTURAL